



## amor e dedicação

*Rogério Faria Vieira, Geraldo Antonio de Andrade Araújo*

**C**libas Vieira nasceu a 27/12/27, em São Paulo, capital, onde, passou parte da infância e toda a adolescência. Por causa dos recursos limitados da família, teve a ajuda do primo e padrinho Edgard Zanotta, para cursar o ginásio no Liceu Nacional Rio Branco.

Terminado o ginásio, conseguiu emprego, aos 17 anos, como auxiliar de laboratório, no Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT). Depois, trabalhando como desenhista-técnico, foi convidado, em 1947, por um dos engenheiros do IPT, que acabara de fundar a Sociedade Brasileira de Fundações Ltda, em que trabalhou até completar 21 anos.

O trabalho absorvia seu tempo durante o dia e a noite era dedicada às aulas no Colégio Oswaldo Cruz. A opção pela profissão de agrônomo teve influência do tio, que estudara em Piracicaba, e do pai, modesto funcionário da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo. Ele também queria estudar em Piracicaba, mas essa ambição vinha de encontro à sua condição financeira.

Um acontecimento, entretanto, mudaria sua vida. Aos 21 anos, quando cursava a terceira série do curso científico, tomou conhecimento da Escola de Agronomia de Viçosa, por intermédio de um colega de classe. Ficou sabendo que ela mantinha dormitórios e refeitório para os alunos. Entusiasmado, escreveu para a Escola pedindo mais informações. Elas logo chegaram, mas, para sua surpresa, os dormitórios e as refeições não eram gratuitos. Ele não desistiu; enviou carta ao Diretor, oferecendo seu trabalho de desenhista-técnico em troca da gratuidade. A resposta, alvissareira, indicava que a proposta se concretizaria, após sua aprovação no vestibular. Assinou essa carta o futuro amigo Antônio Secundino de São José.

Chegou a Viçosa em fevereiro de 1949. A má impressão que lhe causou a cidade - e quase o fez tomar o trem de volta para São Paulo - seria amenizada, no dia seguinte, durante a visita ao Campus. Nos quatro anos seguintes, ele viveria os dias mais felizes de sua vida, como estudante da ESAV. O Dr. Secundino cumpriu sua palavra, conseguindo-lhe o trabalho de desenhista, ajuda indispensável na fase inicial do Curso de Agronomia.

O Prof. Clibas Vieira foi fiel seguidor do “espírito esaviano”, que, conforme ele mesmo escreveu: *“ninguém sabia definir, mas todos sabiam o que significava: amor à ESAV, dedicação ao trabalho, colocação dos interesses da Instituição acima dos próprios interesses, combate às fraudes nas provas”*.

Em 1950 e 1951, teve curta experiência na política, ao assumir, na qualidade de suplente de Vereador, a vaga do Prof. Antônio Gonçalves de Oliveira. Tivera 110 votos, colhidos entre 5.497 eleitores de Viçosa, pelo PSD partido que fazia oposição ao PR de Bernardes.

Em 1951, foi professor de Desenho, de Geografia e de Física no Colégio de Viçosa. Naquele ano, começou a namorar Da. Jandira, de quem ficou noivo, no ano seguinte, e com quem se casou em 1954. Tiveram três filhos: Rogério, Rosana e Milene.

Durante as férias escolares, em São Paulo, trabalhava em firma de engenharia, outro meio que encontrara para se manter em Viçosa. Formou-se em 1952. Arthur Bernardes, então com 77 anos, paranimfou a turma. Entre os homenageados estavam Edson Potsch Magalhães (amigo íntimo no fim da vida) e Sylvio Starling Brandão (grande amigo no passado). Começou sua vida profissional em 1953, como extensionista (pelo AIA), em Santa Rita do Passa Quatro, cidade onde nasceu o primeiro de seus três filhos, Rogério.

Em 1954 recebeu convite para trabalhar no Departamento de Agronomia de Viçosa e, em 2/1/55, foi admitido como professor assistente pela Escola Superior de Agricultura da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais. Para sua decepção, a sigla ESAV (para ele sinônimo de idealismo) fora substituída por UREMG.

Começou ministrando aulas no Curso Médio e Técnico de Agricultura. Entre setembro de 1957 e outubro de 1958, fez o curso de pós-graduação, nos EUA. Quando partiu com toda família, Rosana, sua segunda filha, era recém-nascida e Rogério tinha dois anos. Estudou na cidade de Davis, Califórnia, onde também estava em treinamento o Prof. Moacir Maestri.

De volta ao Brasil, em 1962, recebeu seus primeiros orientados: Luiz Antonio Nogueira Fontes (parceiro no jogo de pôquer, aos sábados, nos seus últimos anos de vida) e Alfredo Lam Sánches. Ele orientaria mais 54 estudantes de Mestrado e 24 de Doutorado. Em 1963, obteve o título de doutor em Agronomia e, em 1965, o grau de doutor em Agricultura Geral e Melhoramento de Plantas. Como diretor da Escola de Especialização, entre 1964 e 1969, teve oportunidade de conhecer os programas de pós-graduação de vários países da Europa. Em fins da década de 60, durante o governo de Israel Pinheiro, os professores atravessaram momentos difíceis, financeiramente, pois o salário atrasava até cinco meses. A principal consequência desse fato foi a federalização da Universidade em 1969. Surgia a UFV.

Uma característica marcante do mestre Clibas era a grande amizade que dispensava aos seus orientados e ex-orientados, tanto de mestrado quanto de doutorado. Para ele eram verdadeiros amigos, tratados como filhos não-biológicos, mas gerados em uma universidade que ele considerava parte íntima sua.

Sua paixão pelas ciências começou a se evidenciar ainda como estudante de Agronomia. Em 1952 foi diretor da *Revista Seiva*. No período de 1964 a 1971, compôs o comitê de publicações, que examinava os artigos submetidos à *Revista Ceres* e na *Experientiae*. Esta última, criada em 1961, foi editada até 1989, quando se percebeu que não fazia sentido a instituição manter duas revistas de perfil semelhantes. Em 1972, assumiu a presidência da Comissão, função que corresponde à de editor-chefe. Neste cargo permaneceu, com uma pequena interrupção em 1974, quando assumiu Departamento técnico-científico, da EMBRAPA, em Brasília.

Uma de suas grandes paixões era a *Revista Ceres*, fundada em 1939 como publicação bimensal de ensinamentos teóricos e práticos na área de Ciências Agrárias, que hoje é uma das mais antigas revistas do gênero, no país. Seus antecessores na diretoria da revista foram os professores Nello de Moura Rangel, Geraldo G. Carneiro, Octávio Drumond, Edgard de Vasconcellos Barros e Arlindo de Paula Gonçalves.

Tinha orgulho em dizer que a *Ceres* tinha uma tiragem de 1.100 exemplares, boa parte enviada a mais de 60 países de todos os continentes, como doação, e, sobretudo, para permuta com outras publicações. Durante os 32 anos em que permaneceu à frente da *Revista Ceres* dedicou-se de corpo e alma à tarefa de redator-chefe, indo ao escritório daquela revista todos os dias, quando estava em Viçosa, para ler os artigos e conferir, na Imprensa Universitária, o andamento da editoração e impressão da revista, zelo necessário para a manutenção da sua periodicidade. Essa tarefa ele desempenhou com extrema dedicação até a manhã do dia do seu falecimento.

Lecionou várias disciplinas, durante seus quase 40 anos de magistério. Em sua maioria, elas compreendiam a cultura do feijão ou o melhoramento de plantas, suas especialidades. Contra a monotonia das aulas e das correções de provas, ele diversificava suas atividades: atuava na extensão, na administração da Universidade, como consultor ou assessor, no Brasil e no exterior; aprofundava-se na pesquisa; orientava estudantes; participava de congressos, bancas examinadoras, comissões; ajudava na editoração de revistas. Assim definiu sua carreira universitária: *“Foi rica em experiências, diversificada, fascinante, que algumas vezes me contrariou, mas nunca me enfadou”*.

Aposentou-se em abril de 1994. Poderia ter esperado até dezembro de 1997, quando cairia na aposentadoria compulsória, mas estava cansado de lecionar para estudantes de graduação e a aposentadoria era o meio de libertar-se dessa atividade, que o desgastava. O “espírito esaviano” ficara no passado distante. A cola - que também se disseminara na pós-graduação - e o desrespeito ao professor eram os principais alvos de suas lamentações.

Depois de aposentado, continuou sua dedicação à pesquisa, à orientação de estudantes de pós-graduação e à direção da *Revista Ceres*. Em 2002 foi presidente da Comissão Organizadora do VII Congresso Nacional de Pesquisa de Feijão, ocasião em que pôde rever orientados e colegas que haviam se dispersado pelo Brasil. Recebeu homenagens, emocionou-se. Nesse mesmo ano, passou a ocupar, com entusiasmo, a cadeira 31 da Academia de Letras de Viçosa, onde fizera uma preleção na semana anterior a seu passamento. Ele ainda atuava, em 2004, como editor-chefe da *Revista Ceres* e havia acabado de escrever o livro **“Memórias de meio século de estudos sobre a cultura do feijão”**, que pretendia publicar com recursos próprios e distribuir aos amigos. Tinha começado outro projeto, o que só fomos saber durante o velório. É um livro sobre a vida de professores memoráveis e a sua contribuição para a UFV. Morreu em 14 de outubro de 2004, por volta das 14h. Foi enterrado no Dia dos Professores, como bem lembrou seu amigo Marcondes, durante o discurso emocionado, no Cemitério D. Viçoso. No dia seguinte, entre os seus pertences, foi encontrada uma folha de papel almaço toda escrita com aquela letra característica, desenhada. A primeira página vinha encimada pelo título: Alexis Dorofeeff (1902-1969). Junto a ela, em folha comum, uma lista de nomes de 52 professores, quase todos já falecidos. Agora, a lista tem mais um personagem, só falta alguém com sua determinação para dar continuidade a esse projeto.

Teve uma vida acadêmica muito produtiva. Publicou 248 artigos científicos, em revistas com corpo editorial, e 255 resumos de pesquisa. Recebeu 27 distinções. Dentre elas, a que mais o envaideceu foi sua eleição para a Academia de Ciências do Terceiro Mundo, por indicação da cientista Johanna Döbereiner. Escreveu nove livros; dentre eles **“O feijão e eu”**, fonte que mais consultamos para o preparo desta nota.